



Participatory Journalism: conceitos e práticas informacionais na Internet¹

Jorge Rocha²

Universidade Fumec

Resumo

As práticas jornalísticas voltadas para a mídia internet configuram a seguinte questão: qual é o papel do jornalista no processo de gerenciamento de informação *online*? Os conceitos e práticas do *Participatory Journalism* apontam um amálgama entre as funções de produtores e consumidores de informação na Internet, requerendo assim uma compreensão diferenciada nos processos de mediação realizados pelos profissionais de Jornalismo. Este artigo evidencia formas de estimular conversação e participação da audiência, em um processo de co-gerenciamento webjornalístico, e aponta questões relativas à intermediação em sistemas colaborativos informacionais.

Palavras-chave

Webjornalismo; *Participatory Journalism*; ciberespaço; práticas narrativas.

***Participatory Journalism* e co-gerenciamento dos processos informacionais**

As teorias da comunicação evidenciam que as mudanças comunicacionais estão intimamente ligadas à evolução dos suportes midiáticos, do contexto histórico e da relação intrínseca entre produção e acesso à informação. É possível considerar que o desenvolvimento da Internet é caracterizado por catalisar uma modificação substancial no que se refere à estrutura e ação do campo midiático, principalmente no que diz respeito às práticas jornalísticas. As possibilidades de interação, gerenciamento de recursos de outras mídias e constituição de práticas narrativas adequadas a este espaço-informação demonstram que não estamos vivenciando uma simples adaptação

¹ Trabalho apresentado ao NP 08 - Tecnologias da Informação e da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² Professor de Jornalismo Digital II da Universidade Fumec – BH-MG e coordenador do Laboratório de Jornalismo Digital, responsável pelo site-laboratório Ponto Eletrônico – <http://www.pontoeletronico.fumec.br>. Mestre em Cognição e Linguagem pela Uenf (Universidade Estadual do Norte Fluminense) – Campos-RJ. jotaerre@patife.art.br



conjuntural, mas sim transformações orientadas à compreensão da natureza e *modus operandi* do ciberespaço e as mudanças no papel dos jornalistas.

É neste contexto de definição comunicacional que se torna necessário avaliar conceitos e práticas do *Participatory Journalism*, de modo a evidenciar as formas colaborativas de produção de conteúdo jornalístico na mídia Internet. Bowman e Willis (2003) apontam que há elementos convergentes entre *Civic Journalism* e *Participatory Journalism*. Esta análise também serve para evidenciar a existência de um conceito diferencial entre estes dois padrões, focando o meio digital como um “ecossistema de mídias emergentes” (BOWMAN e Willis, 2003, p.11)

A conceituação de *Civic Journalism* define práticas comunicacionais para encorajar a participação de uma “audiência-cidadã”, como um contraponto às empresas tradicionais de comunicação que mantêm um alto grau de controle informacional. Este controle se dá através da *agenda setting*, escolha dos participantes do processo comunicacional e da moderação da conversação – sendo este último um elemento crucial para as mudanças participativas na comunicação. Podemos então caracterizar que tanto o *Civic Journalism* e *Participatory Journalism* desenvolvem processos de diálogo e conversação, estimulando a participação da audiência. No entanto, a diferença entre estas duas condutas jornalísticas encontra-se nas operações realizadas na Internet, com a ausência de uma organização central de informações, responsável por controlar todo o processo comunicacional, conceituando assim a natureza do *Participatory Journalism*.

A partir deste ponto, vale frisar que um dos principais conceitos do *Participatory Journalism* é proporcionar formas de interação entre produtores e consumidores de informação, onde a audiência possui papel preponderante na formatação da produção informacional. Esse modo jornalístico consiste na “forma pela qual cidadãos ou grupo de cidadãos desenvolvem uma participação ativa no processo de coleta, organização, análise e disseminação de notícias e informação” (BOWMAN e Willis, 2003, p.9).

Tal procedimento consiste, em um primeiro momento, em evidenciar e tornar claras as diferenças relativas à potencialidade das mídias *offline* e *online*. Enquanto as mídias tradicionais operam em um sistema de *broadcast*³, filtrando todas informações antes de noticiá-las, o *Participatory Journalism* atua em estratégias denominadas

³ Também chamado de *top-down news* ou *push*.



bottom-up news ou *social networks*⁴, permitindo que a audiência assuma diferentes papéis no gerenciamento de informação. Desse modo, os papéis de produtor e consumidor de informação passam a se amalgamar, constituindo o que se convencionou chamar de “pro-sumidores”.

A estratégia denominada *bottom-up news* orienta processos de auto-organização descentralizada e formação de redes informacionais. Bowman e Willis (2003) definem que *bottom-up news* é um “fenômeno emergente, onde quase não se observa uma definição editorial engessada ou sobrecarga de trabalho jornalístico formal ditando decisões para um grupo”. Dessa forma, o processo de interlocução opera em um sistema *many-to-many*⁵, que pode ser melhor percebido com a dinâmica informacional que é estimulada em *blogs*, onde a participação da audiência é estimulada e convocada.

Os *sites* das várias seções que compõem o IndyMedia⁶ e a coluna *Weblog*, assinada pelo jornalista Pedro Dória, em *NoMínimo*⁷, são bons exemplos de como lidar com esta conduta. No primeiro, a participação é estimulada ao permitir que qualquer internauta publique uma matéria, reportagem ou entrevista, podendo utilizar arquivos de texto ou imagem. O *site* possibilita ainda acréscimos de comentários de outros usuários, discutindo ou complementando a informação inicial. Em *Weblog* – que possui a estrutura de um *blog*, como o próprio nome aponta –, Dória publica textos informativos apurados inicialmente na Internet – através de fóruns de discussão, *mailing lists* ou outras publicações hipermidiáticas –, também colocando um sistema de comentários à disposição da audiência.

Outro exemplo de como o conceito de *bottom-up news* pode ser aplicado em hiperdocumentos pode ser evidenciado com o famoso caso referente ao *blog Catarro Verde*⁸, mantido por Sérgio Faria. Na ocasião da renúncia do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), em junho de 2001, o blogueiro escreveu que o discurso proferido pelo político era um plágio. Sérgio Faria esclareceu que se tratava de uma apropriação do discurso de renúncia que o deputado Afonso Arinos havia feito em 1954. Não contente em apenas apontar a apropriação, ele ainda colocou na página um *link* para o

⁴ A estratégia *bottom-up* possui base cognitiva, de organização descentralizada. Evidencia que os processos cognitivos são a soma de atividades aleatórias de seus elementos constituintes, reforçando conceitos das teorias da complexidade.

⁵ O sistema *many-to-many* (muitos-para-muitos) pode ser racionalmente utilizado na Internet, possibilitando que os usuários sejam, ao mesmo tempo, emissores e receptores. Os demais sistemas são *one-to-one* (um-um) e *one-to-many* (um-muitos), podendo ser exemplificados, respectivamente, com o uso de *e-mails* e leitura de *blogs*.

⁶ Ver <http://www.indymedia.org>. Para acessar o site produzido no Brasil, ver <http://www.mediaindependente.org>

⁷ Ver <http://nominimo.ibest.com.br>

⁸ Ver <http://www.catarro.blogspot.com>



site do Senado, onde havia uma cópia do discurso de Afonso Arinos e uma gravação em áudio.

A notícia também foi divulgada pelo jornal Diário de S. Paulo, no dia 1º de junho de 2001, mas somente tomou maiores proporções após a divulgação – e conseqüente prova, pela utilização de *links* – pelo *blog* de Sérgio Faria. O *post* foi ainda reproduzido em uma lista de discussão chamada Palíndromo, da qual participava o apresentador do programa Vitrine, da TV Cultura, Marcelo Tas. O apresentador levou o caso para a televisão, apontando os *blogs* como ferramentas indispensáveis para a expansão dos meios de difusão de notícias e para a democratização dos meios de comunicação.

A conexões informacionais propiciadas pela Internet, neste exemplo, evidenciam alguns pontos relevantes para a prática do *Participatory Journalism*. Em um primeiro momento, observamos os processos relativos à publicação em um ecossistema de mídias emergentes, possibilitando a veiculação de textos – jornalísticos ou não – informativos, interpretativos e opinativos, potencializados pela natureza hipertextual deste meio. No momento seguinte, observamos uma “transmissão virótica” e funcionamento de uma rede interligada de gerenciamento de informações⁹, em diferentes formas hipermediáticas, onde os “pro-sumidores” desenvolvem múltiplos papéis. Para Bowman e Willis (2003), a proposta de fazer com que estes papéis se desenvolvam está ligada a estimular a audiência a obter status ou construir reputação em uma dada comunidade virtual, a criar conexões com outros “pro-sumidores” – tanto *online* quanto *offline* –, a participar do processo de informar e ser informada, além de criar conteúdo em um meio colaborativo.

Estruturadas a partir da noção de debate, as comunidades virtuais definem momentaneamente a relevância das informações que aí circulam, alterando o curso da discussão conforme o interesse dos intervenientes. (...) Como os membros de uma dada comunidade virtual participam eventualmente de outras comunidades virtuais, essas compõem uma teia informativa hipertextual, expandindo-se pelas demais formas comunicativas que coabitam no espaço mutante do ciberespaço. (ALZAMORA, 2004)

Tais descrições convergem para o conceito de hibridismo, onde “a informação que se processa no ciberespaço tende, cada vez mais, a mesclar aspectos da

⁹ No caso dos *blogs*, esta rede é constituída por *blogrolls*, lista de publicações afins que são usadas como fontes ou interligam o processo de “escoamento” de informação.



comunicação interpessoal e de massa às manifestações comunicativas típicas da rede” (ALZAMORA, 2004, p.119). Este sistema participativo e híbrido é um ponto chave para o *Participatory Journalism* e um componente fundamental para o gerenciamento de informações na Internet, desde seu advento. A criação e utilização de *newsgroups* e *mailing lists* já fomentavam esta prática, que agora é potencializada por fóruns de discussão, *blogs* e sistemas de comunidades colaborativas como Wikipedia¹⁰, cada um destes com diferentes níveis de integração entre “pro-sumidores”.

Esta integração, de acordo com as práticas do *Participatory Journalism*, pode ser estimulada e potencializada por uma série de funções hipermidiáticas de informação colaborativa. Entre estes pontos, podemos destacar a utilização de sistemas de comentários, os processos de filtragem e edição, a checagem de fatos em meio interativo, além de *grass reporting* e *open-source reporting*, chamando a atenção para a relação intrínseca entre todos.

O primeiro ponto é considerado como o nível fundamental de participação no gerenciamento de informação na Internet. Diversos *blogs* e sessões de publicações *on-line* – como o já citado *Weblog*, de Pedro Dória – contam com sistemas de comentários, permitindo que os leitores possam inferir opiniões e, por vezes, complementar e/ou corrigir a informação inicial, de maneira mais efetiva do que acontece em outras mídias. Tal utilização nos encaminha para o segundo tema, apontando que o manancial de informações disponíveis no ciberespaço requer formas alternativas de julgar e selecionar editorialmente – estipulando modos de elencar notícias e utilizar links associativos, por exemplo –, que podem ser definidas e/ou modificadas coletivamente.

Esta prática levanta ainda a questão de checagem de fatos, que possui consideração redobrada no ciberespaço. No caso dos *blogs* com sistemas de comentários, o *post* do mantenedor da publicação – geralmente com um hiperlink que aponta a fonte da informação ou dados complementares – possui elementos de competência discursiva relativos à dessemelhança (discurso polêmico) ou similitude (discurso cúmplice). Esta constituição discursiva deve estimular a participação da audiência, no sentido de promover checagem, tanto para verificar até que grau a notícia está completa, quanto para dar maior credibilidade ao comentário posterior. Dessa forma, a notícia inicial pode passar por transformações provocadas pela interferência de um usuário como fonte qualificada, alertando o produtor inicial da informação a

¹⁰ Wikipedia é uma enciclopédia de elaboração aberta e colaborativa de conteúdo, onde qualquer usuário pode inserir verbetes ou modificar informações em tópicos diversos. Ver <http://www.wikipedia.org>



respeito de quaisquer equívocos. Tal processo pode ser percebido em casos onde um *hoax* (boato espalhado pela Internet) encontra eco em publicações interligadas em rede informacional, até ser desmentido por checagem apurada e comentários de “prosumidores”¹¹.

As práticas já relacionadas nos levam à questões relativas a *grassroots reporting* e *open-source reporting*. Em relação a *grassroots reporting*, podemos especificar que, no momento em que publica uma informação em um *blog* ou *site*, o *publisher* – seja ele jornalista ou não – torna-se parte integrante, simultaneamente, do processo de veiculação de notícias e checagem de fatos no meio interativo, de acordo com as práticas jornalísticas – chegando, por vezes, a *furar* as mídias tradicionais, conforme já foi demonstrado neste artigo.

No caso de *open-source reporting*, podemos apontar que algumas mídias estabelecem condições propícias para que os internautas – como fontes qualificadas – elaborem e desenvolvam conteúdo informacional em um hiperdocumento, de modo a referenciar uma publicação jornalística em um produto tradicional. Bowman e Willis (2003) apontam como exemplo funcional o trabalho integrado entre *Slashdot* e *Jane’s Intelligence Review*. Em 1999, os editores de *Jane’s Intelligence Review*, publicação *offline* lida por especialistas em segurança nacional, submeteram um tópico a este sistema colaborativo de informação, que é centrado em novas tecnologias de comunicação, solicitando subsídios a *experts* para compor um artigo sobre ciberterrorismo. A convocação foi prontamente aceita e, a partir da centena de informações publicadas no sistema de *Slashdot* sobre este tópico, os editores de *Jane’s Intelligence Review* passaram a selecionar conteúdo para redigir o artigo, dando o devido crédito à fonte

Mas, com todo esse processo de reformulação de papéis entre produtores e consumidores de informação, o jornalista agora é desnecessário? Esta foi a questão imediata que surgiu, desde o momento em que foram utilizadas ferramentas midiáticas na Internet que possibilitam qualquer pessoa publicar informações. Com este artigo, pretendemos ressaltar que o trabalho do profissional de Jornalismo, na prática do *Participatory Journalism*, não é rebaixado, desmerecido ou relegado a segundo plano, mas sim reavaliado.

¹¹ O *site* Cocadaboa – <http://www.cocadaboa.com> - especializou-se em difundir *hoaxes* e ter estas informações falsas espalhadas em diversas publicações *on-line*. Um dos casos mais comentados foi a (falsa) criação do Sexkut, o Orkut do Sexo. Para maiores detalhes, ver <http://www.cocadaboa.com/archives/003976.php>



(...) Quanto mais informação há, maior é a necessidade de intermediários – jornalistas, arquivistas, editores, etc – que filtrem, organizem, priorizem. (...) A igualdade de acesso à informação não cria igualdade de uso da informação. Confundir uma coisa com a outra é tecno-ideologia. (WOLTON, 1999 apud PALÁCIOS, 2004 in BRASIL, 2004)

O papel do webjornalista pode ser melhor evidenciado, em um primeiro momento, quando colocamos em questão que sua hegemonia como *gatekeeper* neste espaço-informação é redimensionada pelas novas tecnologias e pela audiência. Cabe ressaltar que seu papel como mediador de informação passa por alterações significativas; de uma “estrutura monopolista” para processos de co-enunciação. Nesta readequação, o webjornalista deve comportar-se como um agente participativo que, em processos de interlocução, seja capaz de selecionar, hierarquizar, enquadrar e personalizar notícias, levando em conta as potencialidades inerentes à Internet como fonte de pesquisa e escoamento de produção

A partir do momento em que os leitores se tornam os seus próprios contadores de histórias, o papel de *gatekeeper* passa, em grande parte, do jornalista para eles. (...) Mas os jornalistas adicionaram a função de cartógrafo ao seu papel e, na biblioteca universal que é a Internet, também se tornarão autenticadores e desenhadores para aqueles que seguem os mapas que eles desenharam (HALL, 2001 apud Aroso, 2005).

Aroso (2005) aponta ainda três mudanças essenciais no perfil do jornalista, ao exercer suas atividades de acordo com as condutas do *Participatory Journalism*. A primeira define que o jornalista necessita suplantar a faceta de “contador de fatos”; a segunda aponta que seu papel como intérprete dos acontecimentos é expandido, enquanto o terceiro ponto define que, devido às características da Internet, o webjornalista tem papel preponderante na ligação entre comunidades de usuários.

Sobre as funções do webjornalista, quando este se encontra diante de um processo de interlocução por meio de hiperdocumentos, Zamora (2001) considera que é necessário observar, corresponder e adiantar-se às necessidades da audiência. Para tal conduta, ela especifica a utilização de fóruns de discussão, *chats* e as possibilidades inerentes ao uso do *e-mail*. Entre seus apontamentos para a prática webjornalística, podemos destacar ainda a conduta do profissional de Jornalismo como um especialista no uso das novas tecnologias de informação, utilizando também a Internet como forma



de apuração e validação das informações obtidas, além de primar por fortalecer os princípios éticos e deontológicos.

É preciso ainda, para que o profissional de Jornalismo compreenda o valor e o grau das reformulações de sua conduta ao lidar com gerenciamento de informação em sistemas colaborativos *online*, elucidar algumas características do ciberespaço. Podemos associar então o raciocínio sistêmico à compreensão organizacional de práticas jornalísticas colaborativas, de modo a lidar de maneira eficaz com os processos de produção e acesso à informação nos modos característicos do meio interativo. Cabe ainda frisar que tal recombinação de informações somente é possível acontecer no ciberespaço, o que aponta a necessidade de utilizarmos o que Morin (1991) chama de pensamento complexo, de modo a realizar este gerenciamento informacional.

(...) as redes híbridas, como, por exemplo, uma cidade digital ou um megaportal, podem ser pensadas a partir de modelos sistêmicos e que a Internet, no contexto do ciberespaço, é bem mais caracterizada não como um novo *medium*, mas como um sistema que funciona como ambiente múltiplo e heterogêneo de informação, comunicação e ação para outros sistemas. (PALÁCIOS, 2004).

Como estamos tratando o ciberespaço como um ambiente onde se operam questões relativas ao pensamento complexo e à não-linearidade, cabe ainda evidenciar estes aspectos. Um sistema não-linear ou complexo deve compreender diversas questões sobre seu funcionamento e sobre o que produz ou resulta dentro de um conceito de sistemas, ou seja, “dentro de relações de troca e mútua determinação”, (LEÃO, 1999, p.58). Enfatizando esta questão, Morin (1991) organiza a Teoria da Complexidade em três princípios fundamentais: dialógico (dualidade dentro da unidade), de recursividade organizacional (retroalimentação múltipla) e de representação hologramática (o todo está contido em cada parte e as partes estão contidas no todo).

Entendemos que, no ciberespaço, realizam-se operações rizomáticas, não-lineares, possibilitando assim uma série de respostas aos internautas, no momento em que decidem clicar neste ou naquele *link*, por exemplo, ou fazer uso de uma ferramenta de mídia convergente. Para melhor compreender a auto-organização de um sistema complexo, passamos então a inserir e explicitar as funções específicas de *feedback* e ruído neste processo comunicacional.

Para atender às questões específicas do ciberespaço – sua estrutura, funcionamento e auto-organização, ou seja, a estratégia *bottom-up news* – o *feedback*



deve levar em conta a polifonia e a multiplicidade de respostas, de modo a reforçar que “todos 'retornos plurais' são de auto-reforço e de auto-regulação ao mesmo tempo” (GOMES, 2003).

Já o ruído, de acordo com o pensamento complexo, é utilizado para romper com um círculo vicioso provocado com a repetição de situações ou caminhos. Tal rompimento se dá ao possibilitar que fatores aleatórios passem a integrar a auto-organização em vários níveis de desenvolvimento simultâneos. Assim, observamos que a capacidade de auto-organização de um sistema está estritamente ligada à “desorganizações” seguidas de reorganizações.

Um sistema com baixo nível de organização vive em constante conflito relacional em que situações recorrentes se repetem de forma compulsiva e involuntária. À medida que o próprio sistema cria fatos novos e toma consciência desses padrões de repetição, rompe-se o círculo vicioso e há uma reorganização cognitiva irreversível e cumulativa, uma mudança progressiva na estrutura interna do sistema (GOMES, 2003).

Torna-se importante ressaltar que a complexidade observada com o ruído engloba os aspectos dinâmico e simultâneo da auto-organização em camadas sobrepostas. Entendemos dessa forma que uma das principais características de um sistema complexo é sua capacidade de auto-organização, que pode ser sintetizada em dois pontos: singularização e desenvolvimento simbiótico.

Segundo Morin (1991), esta capacidade de auto-organização diz respeito à adaptação relativa à sua evolução, sendo pontuada por características de diferenciação criativa Parte/Todo – singularização – e desenvolvimento Parte/Parte – simbiose. Mais do que verificar se a totalidade de um sistema é definida pela soma ou subtração de suas partes, a intenção do pensamento complexo – aplicado à prática do *Participatory Journalism* – é proporcionar a caracterização do fenômeno de virtualização, que passamos a aplicar ao ciberespaço.

Dessa forma, entendemos que a organização e atuação comunicacional, em um modelo de sistema complexo como a mídia internet encontram-se vinculadas ao conceito de interlocução, elemento preponderante no *Participatory Journalism*, possibilitando assim um maior co-gerenciamento de informação. Ao adotarmos este conceito, consideramos que a regra de desenvolvimento comunicacional neste meio encontra-se em desenvolvimento, o que pode nos permitir uma compreensão diferenciada de fluxos e processos de cunho não-linear.



Para melhor conceituar estas mudanças, podemos nos concentrar no princípio da recursividade organizacional. A recursividade afirma que os produtos e os efeitos são, ao mesmo tempo, causa e produtores daquilo que os produziu, pontuando assim os processos de mútua retroalimentação – conceito este que pode ser utilizado como uma síntese da co-enunciação em sistemas colaborativos *online*. Um *modus operandi* recursivo caracteriza-se ainda por ser incompatível com a elaboração de programas estritamente baseados em um sistema fechado e inflexível, que encaram este modo de atuação como racionalmente controlável.

O desenvolvimento e exemplificação de conceitos e estratégias apresentados neste artigo auxiliam a evidenciar que a prática do *Participatory Journalism* é relativa à definição do sistema complexo hipermediático como espaços relacionais. Estes espaços constituem-se como redes superpostas de conversações, orientando as condutas e ações dos usuários. Sendo assim, pontuamos que a capacidade de percepção e a habilidade no que diz respeito à elaboração de estratégias de estímulo aos “pro-sumidores” são algumas das condições fundamentais para operar neste tipo de lógica organizacional. Vale ressaltar ainda que o raciocínio sistêmico evidenciado neste meio é mais do que um fator de ordenamento, de auto-organização, sendo responsável também pela contínua estruturação de um planejamento de aprendizado.

Cabe ainda frisar que é justamente nesta etapa que nos encontramos; uma etapa relativa à potencialização das características hipermediáticas no processo comunicacional interativo e seu resultado na relação entre “pro-sumidores”. A partir dos pontos levantados pela modalidade discursiva única deste meio, potencializada e estimulada pelo *Participatory Journalism*, torna-se possível pontuar algumas questões de ordem metodológica, essenciais para a compreensão do papel do jornalista neste processo. Estas questões são relativas à natureza e forma de ação destes recursos hipermediáticos e de que maneira podemos realizar operações comunicacionais co-enunciativas com estes hiperdocumentos, tendo como base a estruturação do ciberespaço como um sistema complexo e suas implicações neste processo. Desse modo, podemos estabelecer processos narrativos específicos para esta mídia, assim como suas aplicações variáveis, de acordo com as características das publicações *online* e os níveis de interação entre “pro-sumidores”, ressaltando que, neste processo colaborativo e participativo, a intermediação do jornalista deve corresponder à altura.



Referências bibliográficas

1. ALZAMORA, Geane. “A semiose da informação webjornalística” in BRASIL, André *et alli* (Orgs.). *Cultura em fluxo – novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.
2. AROSO, Inês Mendes Moreira. *A Internet e o novo papel do jornalista*. <http://www.webjornalismo.com/printfeature.php?artid=90>. Consultado em 28/02/2005.
3. BOWMAN, Shayne e WILLIS, Chris. *We Media - How audiences are shaping the future of news and information*. <http://www.wemedia.org>. Publicado *on-line*, no formato PDF, em Julho/2003. Consultado em 21/01/2004
4. CUNHA FILHO, Paulo. “O Papel do hiperdocumento nos processos comunicacionais”. in *Anais da Intercom*. Campo Grande: Intercom, 2001. (CD-Rom)
5. GOMES, Marcelo Bolshaw. *A desmecanização do universo – das máquinas desejantes aos sistemas complexos*. <http://www.intercom.org.br/papers/xxii-ci/gt10/10b04.PDF> Consultado em 05/01/2004.
6. MORIN, Edgar. *O Método – 4. As idéias – Habitat, vida, costume, organização*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
7. PALÁCIOS, Marcos. *A Internet como ambiente de pesquisa*. <http://www.facom.ufba.br/Seminpesq/seminpesq1.html/#Interatividade>. Consultado em 25/08/2003.
8. _____ . “Jornalismo em ambiente plural? Notas para discussão da Internet enquanto suporte para a prática jornalística”. in BRASIL, André *et alli* (Orgs.). *Cultura em fluxo – novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004
9. PÓVOA, Marcelo. *Anatomia da internet – investigações estratégicas sobre o universo digital*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.
10. RIBEIRO, José Carlos. “Um Novo Olhar sobre a Sociabilidade no Hiperespaço”. in PALACIOS, Marcos & LEMOS, André (Orgs.). *Janelas do Ciberespaço – Comunicação e Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
11. ROCHA, Jorge. *Práticas e desafios do Participatory Journalism em blogs*. Artigo apresentado no V Congresso Iberoamericano de Periodismo em Internet, Salvador, Novembro 2004. Disponível em http://www.periodistaseninternet.org/docto_congresos-antiores/VcongressoBrasil/



12. ZAMORA, Lizy Navarro. *Los periódicos on line: sus características, sus periodistas y sus lectores*. Sala de Prensa: 2001. <http://www.saladeprensa.org/art253.htm>. Consultado em 30/04/2004.